

# Paul Ricoeur e a representação historiadora: a marca do passado entre epistemologia e ontologia da história

Paul Ricoeur and the historical representation: the mark of the past between epistemology and ontology of history

---

## **Breno Mendes**

mendes.breno@gmail.com

Mestrando

Universidade Federal de Minas Gerais

FAFICH/Programa de Pós-Graduação em História

Avenida Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha

31270-901 - Belo Horizonte - MG

Brasil

## **Guilherme Cruz e Zica**

gczica@gmail.com

Graduando

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Avenida Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha

31270-901 - Belo Horizonte - MG

Brasil

---

324

## Palavras-chave

Paul Ricoeur; História da historiografia; Teoria da história.

## Keywords

Paul Ricoeur; History of historiography; Theory of history.

---

Recebido em: 15/5/2012

Aprovado em: 26/6/2012

Uma ação deixa um “rastro”, põe sua “marca” quando contribui para a emergência de tais configurações que se tornam os documentos da ação humana. [...] Não se poderia dizer que a história constitui por si mesma o dossiê da ação humana? A história é esta quase-“coisa” em que a ação humana deixa um rastro, põe a sua marca. Daí a possibilidade dos arquivos (RICOEUR 1989, p. 195-196).

O conhecido jogo de palavras italiano *traduttore, traditore* (tradutor, traidor) indica que a atividade de traduzir um texto nunca atinge plenamente seu objetivo, mas sempre incorre em uma “traição” em relação ao texto original. A impossibilidade da tradução perfeita, que aboliria a diferença entre original e tradução, é também assumida pelo filósofo francês Paul Ricoeur em seus estudos sobre tradução publicados em 2004.

*Traducere*, em latim, pode significar transpor, ou conduzir algo para outro lugar. Com nosso trabalho, pretendemos realizar essa tarefa de mediação entre o autor e o leitor estrangeiro. Logo de saída foi necessário renunciar ao ideal da tradução perfeita e admitir que o texto original não será redobrado. A partir disso foi aberta a trilha para aquilo que Ricoeur chamou de felicidade (*bonheur*) da tradução, que consiste na irredutibilidade da diferença entre o próprio e o estrangeiro, o autor e o leitor. Isto imprime o “estatuto incontornável da dialogicidade” no ato de traduzir. A árdua tarefa do tradutor encontra sua felicidade ao promover uma *hospitalidade linguística* que conduz o leitor a habitar a língua do outro (autor) e o ajuda a acolher em sua morada, em sua língua, a palavra do estrangeiro (RICOEUR 2011).

O artigo que apresentamos é de um filósofo estreitamente relacionado com o conhecimento histórico. O que se constata a partir da frequente utilização de seus estudos pela historiografia contemporânea. Se é verdade que na historiografia francesa, durante a primeira metade do século XX, a interação entre filosofia e historiografia foi um “diálogo de surdos”,<sup>1</sup> a partir da década de 1970 a relação entre ambas se tornou mais amena, tornando o clima favorável a entrelaces e discussões. Prova disso são os textos de Paul Veyne (1978) e François Dosse (1995) apontarem Foucault e Ricoeur como autores revolucionários no âmbito da história da historiografia (VEYNE 1995; DOSSE 2001; MENDES 2011).

O texto “A marca do passado” está situado entre as duas investigações de fôlego que Ricoeur dedicou à teoria e filosofia da história, a saber, *Tempo e narrativa* (3 volumes escritos entre 1983-1985) e *A memória, a história, o esquecimento* (2000).<sup>2</sup> É um artigo que traz um traço que marca as reflexões ricoeurianas sobre a história: a passagem entre a dimensão epistemológica e a ontológica.

Como o título indica, a metáfora da marca – que se insere no enigma da presença do ausente – será o fio condutor da discussão. O que está em jogo é o clássico debate em historiografia a respeito do alcance da representação dos

<sup>1</sup> Seja em virtude dos filósofos praticarem uma história da filosofia internalista, sem contextualização histórica, seja por causa dos historiadores das primeiras gerações da Escola dos *Annales* e sua antipatia em relação às filosofias da história produzidas no século XIX.

<sup>2</sup> Antes dessas obras o filósofo francês já havia se aproximado da historiografia no 1º capítulo de *História e verdade* [1955] e em outros artigos, dos quais destacamos *Husserl e o sentido da história* (1949), que foi retomado na coletânea de artigos *Na escola da fenomenologia* (1986).

acontecimentos do passado na escrita da história. A representação historiadora rerepresentaria novamente os acontecimentos? Seria ela uma reconstrução? Se sim, o que a diferencia de uma reconstrução ficcional? Aqueles que se dedicarem a uma leitura atenta do texto a seguir certamente encontrarão acuradas reflexões sobre estes problemas.

Recuperando o contexto da publicação original de "A marca do passado", em 1998, é possível colocá-lo em uma posição de charneira entre os livros acima citados: ao mesmo tempo em que aprofunda teses presentes em *Tempo e narrativa*, prenuncia discussões que viriam à luz em *A memória, a história, o esquecimento*. Para que isto fique mais claro, retomemos as principais ideias destas obras.

"O tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de maneira narrativa; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que desenha os traços da experiência temporal" (RICOEUR 1991b, p. 17). Dessa forma, Ricoeur enuncia a tese central de *Tempo e narrativa*, destacando a impossibilidade de apreensão da temporalidade sem a mediação da linguagem, da narrativa. Dito de outra forma, à experiência temporal apenas temos acesso através de sua representação em uma intriga.

Na impossibilidade de nos aprofundarmos em todas as teses da trilogia fazemos uma breve relação das principais. Nos três volumes da obra o filósofo francês empreende uma substancial pesquisa sobre a narrativa na escrita da história e na ficção e suas relações com a temporalidade. Em páginas densas e luminosas Ricoeur propõe a) uma articulação original entre as reflexões sobre o tempo de Santo Agostinho e a *Poética* de Aristóteles; b) defende que a narrativa não chegou a ser completamente abandonada da prática historiográfica no início do século XX – o que inviabiliza a noção de "retorno da narrativa" sustentada por L. Stone; c) discute a possibilidade do tempo histórico ser um terceiro tempo que realiza uma inscrição do tempo vivido no tempo cosmológico; d) sustenta haver um entrecruzamento (e não oposição ou fusão) entre historiografia e ficção; e) Ainda há uma renúncia a Hegel e a sua pretensão de mediação total, saber absoluto; e f) uma proposta de hermenêutica da consciência histórica. Nas conclusões foi cunhado o conceito de identidade narrativa que seria largamente explorado em obra posterior, *O si mesmo como um outro* (1990).

O conceito de *representância* (*représentance*) mostra bem a posição de charneira que reivindicamos para as discussões de "A marca do passado". Esse conceito, elaborado inicialmente no terceiro tomo de *Tempo e narrativa* a partir de um neologismo em língua francesa, buscava interpretar a relação entre a historiografia e o passado. Vejamos a passagem em que esta categoria emerge: "Nós daremos o nome de *representância* (ou de lugar-tenência) às relações entre as construções da história e seu *contraponto*, ou seja, um passado simultaneamente abolido e preservado nos rastros" (RICOEUR 1991b, p. 183).

É importante sublinhar que a *representância* não pretende resolver o paradoxo da aplicação do conceito de "realidade" ao passado, mas problematizá-lo. Uma das implicações epistemológicas que incorre do fato de o passado ser, ao mesmo tempo, preservado e abolido nas marcas deixadas pelo passado é que

a narrativa historiográfica jamais consegue reafetá-lo plenamente. Por outro lado, o conhecimento histórico tem a intencionalidade de visar e de representar os acontecimentos, um comprometimento que o submete ao que um dia foi (RICOEUR 1991b).

Em "A marca do passado", Ricoeur dá um passo adiante no exame deste conceito ao entrelaçá-lo a noção de testemunho e de sua demanda por credibilidade. Este liame entre ambas as categorias é consolidado em *A memória, a história, o esquecimento* na discussão sobre a operação historiográfica. Outro avanço dado pelo filósofo diz respeito à passagem da discussão sobre a representância do nível epistemológico para o ontológico. Em *Tempo e narrativa*, ela se concentrava em aspectos epistêmicos ao passo que em "A marca do passado" e em *A memória, a história, o esquecimento*, o acento é colocado no solo ontológico. Isto quer dizer que embora o passado não seja imutável, isto é, que esteja aberto a várias interpretações, a sua existência é inapagável: "A representação historiadora é de fato uma imagem presente de uma coisa ausente; mas a própria coisa ausente desdobra-se em desaparecimento e existência no passado. As coisas passadas são abolidas, mas ninguém pode fazer com que não tenham sido" (RICOEUR 2000, p. 367).

Um ponto sempre presente no pensamento ricoeuriano sobre a história aponta para as múltiplas possibilidades de narração e interpretação dos acontecimentos de outrora. Algo semelhante, sustenta Ricoeur, ocorre no ofício do tradutor. Assim como a língua pura – para usar a expressão de Walter Benjamin –, a tradução perfeita é inatingível. Existe sempre a possibilidade e o convite de "retraduzir após o tradutor", pois, assim "como ocorre no ato de contar, pode-se traduzir de outro modo, sem esperança de eliminar a distância entre equivalência e adequação total" (RICOEUR 2011, p. 30). A cada novo trabalho renova-se a esperança da tradução encontrar sua felicidade, contribuindo para a *hospitalidade linguística*, para o diálogo e para o encontro, em terceira margem, do autor e do leitor, até então, afastados pela fluida corrente textual.

327

### Referências bibliográficas

- DOSSE, François. Paul Ricoeur revoluciona a história. In: \_\_\_\_\_. **A história à prova do tempo**: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- MENDES, Breno. Relações de força e relações de sentido: Michel Foucault e Paul Ricoeur revolucionam a historiografia. **Revista de teoria da história**, ano 2, nº 5, Junho 2011.
- RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Tradução e prefácio de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Temps et récit**: l'intrigue et le récit historique. Paris: Éditions du Seuil, Tome I, 1991a. [Collection Points Essais]
- \_\_\_\_\_. **Temps et récit**: le temps raconté. Paris: Éditions du Seuil, Tome III, 1991b. [Collection Points Essais]

\_\_\_\_\_. **Do texto à acção**: ensaios de hermenêutica II. Porto: RÉS Editora, 1989.

\_\_\_\_\_. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 3ª ed. Brasília: Editora da UnB, 1995.